

PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DA SEGUNDA LÍNGUA À CRIANÇAS QUE ESTÃO ADQUIRINDO A LÍNGUA MATERNA EM SUMBE/ANGOLA

PERSPECTIVES FOR THE TEACHING OF THE SECOND LANGUAGE TO CHILDREN THAT ARE ACQUIRING THE MATERNAL LANGUAGE IN SUMBE/ANGOLA

Fátima Maria José Pereira¹

Gilda Nachoco Diniz²

Maria Alice António J.M. da Cruz³

RESUMO

Problematizando a relação entre a língua oficial e a língua materna, com a desvalorização dessa língua materna decorrente do firmamento da língua oficial, que é a língua portuguesa, e o desconhecimento pelos professores e crianças das línguas nacionais para a inserção das mesmas no ensino escolar, apresenta-se os objetivos deste artigo que consistirá em descrever as presenças das línguas nacionais na aquisição da língua portuguesa por crianças do ensino pré-escolar e aprofundar os conhecimentos da presença das línguas nacionais na aquisição da língua portuguesa a partir da fala por crianças do ensino pré-escolar. Para tal, utilizamos pesquisa bibliográfica e análise de alguns pontos do questionário respondido por dez professores da educação pré-escolar, referente ao tema que nos ajudou na reflexão e enriquecimento do mesmo conteúdo.

Palavras – Chave: Educação Pré-Escolar; Criança; Desenvolvimento da Linguagem; Língua Materna.

ABSTRACT

Considering the problematization of the subject in question, the relation between the language of the school and the language of the parents, the devaluation of the mother tongue because the firmament of the official language, which is the Portuguese language and the lack of knowledge of the national languages for the insertion of them in school education. In this way the objectives of this article will be: 1) To describe the presence of the national languages in the acquisition of the Portuguese language by preschool children; 2) To deepen the knowledge of the presence of the national languages in the acquisition of the Portuguese language from pre-school children. For

¹ Mestranda em Educação Pré-Escolar pelo Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Angola.

² Mestranda em Educação Pré-Escolar pelo Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Angola.

³ Mestranda em Educação Pré-Escolar pelo Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Instituto Superior de Ciências de Educação do Cuanza Sul da Universidade Katyavala Bwila; Angola.

this, we used bibliographical research, analysis of some of the ten (10) trio questionnaires, referring to the theme that helped us in the reflection and enrichment of the same content.

Keywords: Preschool Education. Child. Language development. Mother language.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa abordar as perspectivas para o ensino da segunda língua, a oficial, para crianças que estão adquirindo a língua materna em Sumbe. Na Angola, tanto em zonas rurais como urbanas, há déficit no sistema de ensino de línguas nacionais ou maternas, pelo fato de existirem diversidades das mesmas, por não ter relevância o processo de formação dos professores, tanto em metodologia quanto em conhecimento das línguas.

Há várias línguas que, para os pais, são consideradas como línguas maternas, mas não são ainda ensinadas no Pré-escolar na nossa realidade. As crianças que falam um pouco destas línguas aprendem no seio familiar. Existe vontade política em implementar as línguas nacionais no ensino. Em algumas províncias onde a língua nacional é padronizada, já se tem o ensino nas escolas pilotos.

A formação de professores em línguas nacionais facilitará o ensino da língua no processo educativo. Para tal, uma das medidas que se afirma como vital para a garantia do sucesso educativo é a reconstrução urgente do currículo nacional e o desenvolvimento de uma política linguística que vá de encontro à realidade angolana, atendendo ao contexto sociocultural.

A partir de 1978, começaram a chegar a Angola as primeiras equipes de especialistas cubanos em educação pré-escolar que cooperaram durante 12 anos. Essa cooperação consistiu na formação de quadros, elaboração de normas e apoio à organizações e funcionamento das instituições de infância, incidindo a predominância desta cooperação, ao nível da formação e orientação pedagógica do trabalho educativo. Inúmeras transformações foram se registrando à nível dos objetivos e perspectivas de desenvolvimento da educação pré-escolar no país, particularmente nestes últimos anos.

Considerando a grande importância atribuída ao desenvolvimento desta ação, o governo, através do Ministério da Educação e o Ministério de Assistência de Reinserção Social (MINARS), entendeu ser conveniente procurar apoio noutros

parceiros. Assim, com a fundação CALOUSTE GULBENKIAN firmou acordo de cooperação, no âmbito do desenvolvimento da educação e cuidados na primeira infância, para a melhoria da formação dos educadores de infância. Concretamente no Cuanza - Sul em particular no município do Sumbe, o ensino pré-escolar não tinha realce, pelo fato de não existir instituições vocacionadas para formação dos educadores. Portanto, o ensino do mesmo responde às necessidades afetivas de sociabilidade, da vida em grupo, de convívio e de comunidade da criança, bem como assegurar as crianças na aquisição das noções morais e cívicas.

O subsistema de educação pré-escolar é à base da educação, que cuida da primeira infância, numa fase da vida em que se devem realizar as ações de condicionamento e desenvolvimento psicomotor. Com o objetivo de permitir uma melhor integração e participação da criança através da observação e compreensão do meio natural, social e cultural que a rodeia. Desenvolver as capacidades de expressão, de comunicação, de imaginação criadora e estimular a curiosidade e atividade lúdica da criança. (Lei nº17/16 de 7 de Outubro, no seu artigo 21) Diário da República.

A comunicação linguística é o vínculo através do qual se faz a ligação entre o meio e o desenvolvimento intelectual da criança, o educador deverá, em determinados casos, utilizar a língua materna (para facilitar a aprendizagem) sem, contudo, substituir a língua portuguesa, que é a língua da escolaridade. Nesta fase, o conhecimento da criança deve basear-se naquilo que ela toca, vê, houve e sente. Para respeitar esse conhecimento da criança, o educador deve partir das coisas que a rodeiam e que constituem o seu mundo e só depois partirá para outras realidades Ministério da Educação- MED (2013, p.8).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Referente à comunicação linguística, é imperioso que se evidencie a inserção das línguas nacionais, do ponto de vista valorativo, no sistema educativo a partir do pré- escolar, com finalidade de superar valores linguísticos da expressão oral e enriquecer o vocabulário, facilitando o aumento da capacidade de compreensão e comunicação.

Há crianças que trazem para a escola o vocabulário do seu lar e do seu grupo de brincadeiras e outras que trazem um vocabulário rico e variado, devido ao seu meio cultural e social. Nestas circunstâncias, o educador deve pôr todas as crianças a

realizar atividades conjuntas que proporcionem o desenvolvimento e o enriquecimento da linguagem.

Em Angola, particularmente na província do Cuanza-Sul, tendo em conta as variadas línguas, “Umbundo, Kimbundo e suas variantes, não existe um firmamento padronizado, o que tem impossibilitando a implementação do ensino de línguas nacionais nas escolas”.

BAGNO, Marcos, (p.210) afirma que em Angola, cerca de 80% da população se considera falante do português angolano: nesse país são faladas várias línguas, das quais as mais difundidas são o Kimbundo, o Umbundo e o Kincongo, todas da família bantu e que tiveram papel importante na formação histórica do português brasileiro”.

Coelho (2002, p.38), citando Gaspar (2015, p.7), vê no ensino das línguas nacionais uma forma de redimir as línguas étnicas, “o constante desprestígio a que tinham sido sujeitas durante séculos, pelas autoridades coloniais”. Ainda Coelho “salienta que deve se reconquistar as línguas locais que foram subestimadas durante séculos pelos colonizadores, para o firmamento e valorização da língua. Com aplicação das línguas nacionais no ensino facilitará a construção dos conhecimentos dependentemente do contexto”.

Segundo Ança (1999), a Língua materna é aquela que adquirimos em primeiro lugar, no meio familiar, e a que nos socorremos para nos expressarmos no meio social envolvente. Como refere Spinassé (2006, p.4), “a língua materna não se apresenta apenas como a primeira língua aprendida, mas encerra também, em si, a noção de língua enquanto fator de identidade social e cultural”. A aquisição da língua materna é uma parte integrante da formação do conhecimento do mundo do indivíduo, pois junto a competência linguística, se adquirem também os valores pessoais e sociais.

Por meio da língua materna, o ser humano estabelece relações com o mundo que o envolve, cada língua natural permite uma configuração própria e exclusiva do mundo aos seus falantes.

Ainda assim, é certo que há uma percentagem significativa da população, especialmente nas zonas rurais, cuja língua materna continua a ser uma das línguas nacionais, apenas se realizando o primeiro contato com a língua portuguesa na escola. Para, além disso, o português enfrenta outra vicissitude.

Segundo diz que, falar sobre o ensino - aprendizagem de línguas implica, obrigatoriamente, refletir sobre os processos envolvidos no

desenvolvimento de competências linguísticas, dado que um dos maiores desafios para o educador é compreender como é que um falante desenvolve o seu conhecimento de uma língua (GASPAR, 2015, p.8).

Consideramos que uma das medidas que se afirma como vital para a garantia do sucesso educativo é a reconstrução urgente do currículo nacional e o desenvolvimento de uma política linguística que vá de encontro à realidade angolana, urge adotar metodologias de ensino do português como L2, havendo a coragem política de reconhecer efetivamente esta língua enquanto não materna para grande parte da população de Angola.

Curiosamente, alguns programas de língua portuguesa, do MED, refletem já essa consciência: “língua, cultura e identidade são conceitos que estão intrinsecamente ligados. É através da língua, enquanto fator social e cultural, que percebemos o mundo que nos rodeia, que interagimos e que nos desenvolvemos psicossocialmente” Gaspar (2015, p.24 e 27). Reis (2009), citado por Gaspar (2015), afirma que “a nossa língua é fundamental instrumento de acesso a todos os saberes, e sem o seu apurado domínio, no plano oral e no da escrita, esses outros saberes não são adequadamente representados”. Para Mendes (2005, p.133), “dominar a língua da escola não é a única garantia de sucesso educativo, mas contribui, indubitavelmente, para melhorar a construção do conhecimento e reduzir as probabilidades de insucesso escolar”.

O uso de uma língua materna no contexto escolar é extremamente importante para o sucesso do desenvolvimento cognitivo e também para o desenvolvimento de atitudes positivas em relação ao trabalho escolar e o fortalecimento de sentimentos de autoestima e autoconfiança, tão importantes na condução das aprendizagens. Além disso, a língua é fundamental na construção da identidade sociocultural de um povo.

Língua materna ou língua de herança é a língua falada no seio da família. Muitas crianças angolanas que, nos primeiros anos de vida, ficam em casa com a mãe, o pai ou os avós, não frequentando creches ou infantários, têm como língua de comunicação nos primeiros anos de vida a língua usada na comunidade.

Gaspar (2015, p.29) afirma que as “línguas são um fator de identidade sociocultural inalienável, pelo que a sua valorização é imprescindível à prevenção da riqueza cultural que compõe a nação angolana”. [...] A criança não deve continuar a

encontrar na escola um mundo de comunicação alheio à sua vivência comunitária.

Vigostski (1934) afirma “que qualquer pessoa, principalmente se for criança, aprende com velocidade muito grande outras formas de falar, sejam elas outros dialetos ou outras línguas, desde que sejam expostas consistentemente a elas,” (Apud Fontes, 2001, p.19).

Todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual, todos falem da mesma forma; a variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades, existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua.

Dentre os fatores externos que produzem diferenças na fala da pessoa, destacamos os geográficos, de classe, de idade, de sexo, profissional dentre outros. Referindo-se aos fatores internos à língua que condicionam a variação. Ou seja, a variação é de alguma forma regada por uma gramática interior da língua.

O caso concreto de Angola, em algumas regiões os fatores externos influenciam consideravelmente os fatores internos. Ouvem-se pronúncias alternativas de palavras como, por exemplo: Aroz-Arroz; Tera-Terra; Areia-Arreia. Uma das funções principais da escola consiste no ensino da linguagem, durante o qual os alunos aprendem os fundamentos da língua de ensino: vocabulário, gramática, construção de pequenas frases e de frases utilitárias (Monteiro, 2005, p. 95).

Assim sendo, o ensino pré-escolar teria aqui um papel importantíssimo: para um ano de iniciação, seria imperioso definir, criteriosamente, estratégias de aquisição de língua com um modelo metodológico baseado no ensino do português como língua segunda, de forma a desenvolver ao máximo as competências comunitárias dos alunos (Gaspar 2002, p. 30).

Ainda (Gaspar, 2015, p.31) afirma que “todo professor de línguas tem como principal objetivo que os seus alunos alcancem um domínio da L2 próximo àquele que tem a L1”. Fará com que o aluno se comunique por via oral ou escrita com os outros falantes da mesma língua valorizando a sua cultura e refletindo sobre os seus conteúdos e aprendizado por parte das crianças.

Dando oportunidades de usar a língua, de forma natural e prática, consideramos importante que a interação, em sala de aula, seja cada vez mais estimulada de maneira a tornar o processo mais significativo para os alunos, o que os ajuda a corresponder os objetivos preconizados, não se limitando apenas a responder o professor e vice-versa.

Os programas de ensino devem estar de acordo com o contexto sociocultural para conduzir o envolvimento emocional para tornar a aprendizagem significativa com maiores probabilidades de sucesso. Os conteúdos devem ter relevância para que o aprendiz seja conectado às experiências prévias e desperte interesse para a transformação duradoura de estruturas mentais.

Existe um déficit no sistema de ensino angolano, pelo fato de existir uma grande diversidade de línguas nacionais. Constatam-se debilidades no processo de formação dos professores tanto em metodologia quanto em conhecimento das mesmas. Há várias línguas que, para os pais, são consideradas como línguas maternas, mas não são ainda ensinadas no Pré-Escolar. As crianças que falam um pouco destas línguas aprendem no seio familiar, embora exista vontade política de se implementar línguas nacionais no ensino. Abaixo apresentamos as respostas dos grupos de professores:

REPOSTAS DOS DEZ PROFESSORES AO QUESTIONÁRIO		
Grupo nº 1	Grupo nº 2	Grupo nº 3
A língua materna é chamada como aquela que a criança aprende ao longo do convívio familiar, desde os primeiros dias de vida, ao contrário da não materna.	Do ponto de vista da professora, a língua materna é aquela que a criança fala desde as primeiras palavras, que pronuncia no seio familiar. A língua não materna é aquela que vai adquirindo depois, no	A língua materna é aquela que é falada numa comunidade, ou seja, é a língua do país. A língua não materna é o português.

	convívio social através de outras influências. A professora a língua portuguesa para os seus alunos considera a materna.	
Grupo nº 4	Grupo nº 5	Grupo nº 6
No meu ponto de vista, a língua materna é aquela que a criança aprende com os pais e principalmente com os avós. E a língua não materna é aquela que denominamos, por exemplo, a língua portuguesa.	Por a escola se encontrar numa zona urbana se registam casos de alunos que falam outras línguas maternas além do português.	Língua materna são os dialetos e não maternas são as que adquirimos como o português e inglês.
Grupo 7	Grupo nº 8	Grupo nº 9
A língua materna é aquela que se fala no seio da família e a não materna é aquela que se aprende na escola.	Língua Materna; é aquela que a criança aprende em casa, logo ao nascer; A língua não materna é aquela que a criança adquire depois da língua materna.	Do ponto de vista da entrevistada, a língua materna é aquela a que a criança aprende logo na sua nascença e a não materna é a estrangeira.
Grupo 10		
Língua materna é aquela que é falada no seu local, logo que a criança nasce ou língua de uma determinada tribo ou região: E a língua não materna é a língua oficial de um determinado país.		

Tabela 01 – Fonte as autoras

Observa-se com as respostas dos educadores que não há consenso teórico sobre Língua Materna, o que denota ausência de bases teóricas sólidas aos professores. O que implica uma formação docente comprometida com o desenvolvimento dos alunos, e conseqüentemente da nação. Por tudo isso, acreditamos que seja fundamental que o Governo angolano, possibilite investimentos para a formação docente, tanto na base acadêmica, quanto para a formação de novos profissionais, com as novas teorias linguísticas disseminadas pelo mundo, fortalecendo as línguas nacionais (língua materna) e a Língua Portuguesa, como segunda língua (língua oficial).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Angola, em particular no município do Sumbe, o não ensino das línguas nacionais deve-se a imposição do ensino da língua oficial (portuguesa). As crianças que nasceram e cresceram na zona rural e urbana e os seus pais, além da língua nacional ou materna, usam também a língua portuguesa como meio de comunicação por ser a língua ensinada na escola. Assim sendo, o ensino da língua nacional ou materna, no contexto escolar, abre a possibilidade da construção de uma nova identidade sociocultural para nova geração.

REFERÊNCIAS

“Do Galego ao brasileiro: história da nossa língua”. In: BAGNO, Marcos, **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**: São Paulo: Parábola, 2012.

Barbosa, M. V. (2018) **Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem**.

GASPAR, S. J. N. F. (2015) **A Língua Portuguesa em Angola: Contributos para uma metodologia de Língua Segunda (Dissertação de Mestrado)**. FCSH da Universidade Nova Lisboa.

MANUEL, M. A. J. (2010) **Trabalho de Fim de Curso para Obtenção do Grau de Licenciaturas em Ciências da Educação Opção Psicologia. Cuanza-Sul**.

MED. (2013) **Curriculo de Educação Pré-Escolar** . Luanda: INIDE. REPÚBLICA, D. d. (2016)

Lei nº 17/16 . Luanda: **Imprensa nacional**.

SUASSUNA, Livia. **Pesquisa Qualitativa em Educação e Linguagem: Histórico e Validação do Paradigma Indiciário**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.nphp/perspectiva%20article/view/10310/976>

VIGOSTSKI, L. S. (2011), **A Construção do Pensamento e da linguagem**. São Paulo, Martins Fontes.

ZIMMER, C. M., FINGER, J; SCHERER, L. (2008) **Do Bilinguismo ao Multilinguismo: Interseções entre o Psicolinguística e a neurolinguística**.